

ÁRTEMIS, FEMINISMO À LUZ DA LUA

NOTAS SOBRE A TRAJETÓRIA DE UMA AUTORA E DESAFIOS DE UMA EDITORA

Há 20 anos surgiu a oportunidade de criar uma revista feminista na Universidade Federal da Paraíba. Na ocasião, retornara do Pós-doutorado, em Women's Studies, na Universidade da Califórnia- Berkeley, repleta de indagações, querendo expandir os horizontes e ressentia da falta um centro ou instituto de estudos de mulheres naquela universidade, na época até mesmo no país, criar um curso monotemático parecia insuficiente, mas uma conjunção de fatores me levou a coordenar um núcleo de pesquisa interdisciplinar sobre mulheres, na área de Educação. Apesar de uma curta permanência nesse núcleo, foi tempo suficiente para encabeçar uma pesquisa encomendada pela ONG Cunhã Coletivo Feminista para avaliar o funcionamento do serviço do Programa de Atendimento à Mulher Vítima de Violência Sexual) na Paraíba (PAMVVS).

Essa avaliação do serviço prestado às vítimas de violência sexual e daquelas que precisavam realizar o aborto legal, financiou a confecção do site e a primeira edição da revista *Ártemis*. Ou, podemos dizer que foi a pesquisa sobre o aborto a responsável pelo nascimento da revista. Aqui, a história se mistura ao mito porque *Ártemis* era a deusa dos partos, tendo inclusive feito o parto da mãe, Leto no nascimento do irmão gêmeo, Apolo.

Desde o nascimento, a revista encontrou resistência no âmbito do núcleo, exigiu muita garra para ser feita e pulso firme para mantê-la online. As nossas capas são sempre muito elogiadas pela beleza, simbolizam os preceitos do feminismo e têm qualidade gráfica, tornaram-se uma marca artística dessa publicação. Porém, essas capas foram objeto de crítica, um dos motivos pelos quais a revista e eu mesma rompi com o núcleo. A capa estaria fora dos padrões de um conceito de feminismo que mirava em outra direção ou, em outras palavras, a beleza parece que incomodava.

Outro conflito aconteceu na PRPG quando o pró-reitor convocou uma reunião com os editores de todas as revistas da universidade. Nessa ocasião, um dos editores defendia que as revistas do Portal Periodicos UFPB tivessem todas um mesmo padrão, um mesmo modelo de capa. Houve enfrentamento, conseguimos manter nossa especificidade gráfica, a má ideia jamais se concretizou, provavelmente não sobreviveríamos no universo institucional homogêneo e pasteurizado. No próprio PPGS, quando a revista estava vinculada ao programa (2005/16), também houve questionamento quanto à formatação da revista, a ausência dos emblemas

Loreley Garcia

Pesquisadora de produtividade do CNPq e líder do Grupo Pandora- Estudos sobre Feminismo, Gêneros e Sexualidades. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2170-4317>. E-mail: loreleygg@gmail.com

institucionais, como brasões, sugeriria uma independência e autonomia excessivas. Por que sempre há o desenho de uma mulher jovem? Só que nem sempre é assim. Por que tão branquinha? É uma deusa grega, os gregos são brancos, representavam o mundo que viam ...malgrado o desejo de modificar, as imagens eram assim. O fato é que é a revista se manteve como tal, com capas cada vez mais atraentes, diferenciadas e dando conta de contemplar o máximo de diversidade alinhando as imagens aos Dossiês temáticos.

Esses conflitos só fizeram alimentar a certeza de que o feminismo praticado em alguns núcleos e grupos não era o que interessava nem o que pretendia divulgar, mas algo criativo, artístico e libertário.

Embora a criação da revista tenha sido uma ideia individual, a sua realização sempre foi, e só poderia ter sido, coletiva. Porém, nem todas as colegas que participaram da confecção das primeiras edições da revista, permaneceram, por um motivo ou outro terminaram saindo do grupo e o corpo editorial era constituído por mim e Liane Schneider ao longo de 14 anos. Durante esse tempo, lançamos 26 edições, representamos a revista em eventos, congressos e reuniões, associadas ou não com os programas de Pós em Sociologia e Letras que integrávamos e coordenamos em alguns momentos. Em 2019, Luciana Deplagne chegou para compor o grupo e tornou-se editora ativa, é ela que nos representará institucionalmente, uma vez que as pioneiras se aposentaram da universidade, embora continuem participando da editoria e dedicam-se à outras atividades.

Paralelamente à função de editora, também escoeí uma parte da produção própria, dos grupos de pesquisa e dos orientandos, publicando na revista.

Em 2004, *Estrangeira em tempo presente* foi o primeiro artigo, publicado no n.1, mas deveria ter sido o último porque nele vivem fragmentos da memória, pedaços espalhados da história de um trânsito pelo tempo vivido durante a repressão política e as percepções das mudanças pelas quais a cidade passou ao longo de uma existência. Mais do que um ponto de partida, poderia ter sido a linha de chegada da trajetória de 20 anos da revista.

Aborto: um direito inalienável da mulher – um estudo sobre o programa PAMVVS da maternidade Frei Damião. Publicado em 2005, trata-se do estudo feito sob encomenda para a ONG Cunhã, avalia o serviço na Maternidade Frei Damião, juntamente com a Secretaria da Saúde do Estado da Paraíba, para atender as vítimas de crimes de violência sexual. Realizado com as alunas participantes da pesquisa, o texto traz os resultados coletados durante os meses que a equipe esteve no hospital, as entrevistas com as vítimas e profissionais envolvidos no programa, além da única médica que praticava o aborto legal.

Na esteira dessa pesquisa, extraímos informações dos dados coletados que permitiram traçar um *Perfil da violência sexual da Paraíba.* Publicados em 2005, aos dados coletados na avaliação, acrescentamos dados secundários obtidos na Secretaria de Segurança Pública, na delegacia especializada e na imprensa local para com os quais elaboramos o perfil. Aquilo que extraímos das entrevistas com as vítimas, transformou-se em estatística, são números que contam histórias de dor.

Entrevista com a Tenente Coronel Cristiane Wildt, o estudo sobre a questão da violência e o contato com os setores da segurança pública nos levou à coronel, à época assessora de comunicação da PM, tendo assumido vários cargos. Fiz uma entrevista sobre sua trajetória de vida, dissecando os caminhos que trilhou, as motivações, as dificuldades numa sociedade discriminatória com a mulher, para ser bem-sucedida na profissão em uma corporação eminentemente masculina.

Ecofeminismo múltiplas versões trata-se de um texto, de 2009, que pretende apresentar ao público brasileiro essa vertente feminista pouco conhecida na época. Trata-se de um texto didático, bastante informativo, faz uma imersão nos estudos voltados à conexão do Feminismo com a Ecologia, não discute a questão à luz das pautas dos movimentos sociais, mas no campo da teoria feminista. O artigo será um embrião do livro *Meio Ambiente e Gênero*, de 2012.

Vestígios do véu na sociedade secularizada: a criminalização do aborto. Artigo de 2011, é uma extensão do capítulo da coletânea “*Abrindo a Caixa de Pandora*”. O ensaio discute o aborto sob a ótica dos Direitos Humanos, a conexão entre a cidadania e os direitos reprodutivos, a história da ilegalidade do aborto, o mito do amor materno, o aborto ilegal no contexto da saúde pública, da estratificação social e a perplexidade com o fato do país adentrar a segunda década do novo milênio sem a legalização do aborto.

Mensuração sujeitos fluidos e provisórios é uma resenha de 2012 sobre um livro lançado no ano anterior. A obra compilava os estudos queer dispersos na tentativa de produzir uma teoria. Recém-chegado ao país, o livro foi usado no curso Gênero e Sexualidades na Pós-graduação em Sociologia. Ao preparar a resenha, pensava enviá-la a outra publicação para circular em outros públicos e evitar a endogenia, mas a resenha foi recusada sob a alegação que ‘a não conformidade da Teoria e dos Estudos Queer aos cânones é apresentada como incompreensível e/ou problemática ao invés de encarar o fato de que se trata de uma vertente subalterna da pesquisa social’. Por não considerar as novas abordagens - não conformada aos cânones- como vertente subalterna, a *Ártemis* abriu espaço para essa publicação iconoclasta.

A Retórica Ambígua de Visibilidade e Invisibilidade na Vida das Mulheres: Justaposições, Pressupostos e Complicações, publicado em 2013, na edição Dossiê Imagens, o artigo apresenta um estudo fotográfico com imagens resultante do trabalho colaborativo das autoras. Esse projeto nasceu de uma pesquisa iniciada na Filadélfia sobre apropriação da cidade por mulheres trajando burca, depois ampliou-se até incorporar outras vestimentas étnicas e a apropriação da cena urbana pelas mulheres de João Pessoa.

A mão que afaga é a mesma que apedreja? Prostituição e violência na vida de jovens mulheres de Mataraca-PB. Elaborado com dois bolsistas de Pós-doutorado, o artigo traz os resultados da pesquisa *Sem Reservas* que estudou a condição das mulheres jovens que trabalham no comércio sexual, nas áreas rurais da Paraíba. O objetivo da investigação era desmistificar imagens estereotipadas e representações sobre as “prostitutas” e a prostituição, inclusive no que se refere à ideia de que esta prática estaria associada à dinâmica urbana e ao desenvolvimento urbano-industrial. Quatro

pontos se entrelaçam na costura deste trabalho: a iniciação sexual, o desenvolvimento da agência; a discussão sobre prostituição e a violência.

O celular ou a vida: a casa abrigo sob a ótica de mulheres em situação de violência, artigo de 2019, resultado do trabalho com a orientanda. O estudo analisa o funcionamento da Casa Abrigo Municipal de Campina Grande - CAMCG, sob a ótica das mulheres em situação de violência abrigadas, em atendimento ou egressas da unidade. Os resultados evidenciaram a presença de todos os tipos de violência, a vergonha, o medo e a humilhação são sentimentos que constam em quase todos os relatos. O trabalho desenvolvido pela casa abrigo garante segurança e proteção às mulheres abrigadas, em contrapartida, os relatos identificam um questionamento no sentido do abrigo ser entendido como prisão e representar, para as abrigadas, uma inversão injusta entre agressor-agredida.

Descaminhos do Feminismo, essa última publicação, de 2020, é uma resenha para repensar o feminismo no Brasil e nos EUA, no retorno de um período com profa. na Universidade de Massachussets quando tive várias oportunidades de interagir com colegas e perceber as novas orientações, um redirecionamento no campo dos estudos feministas, muito diferente do que estudei durante o pós-doutorado em Women's Studies, há 18 anos atrás. O artigo apresenta uma revisão crítica e discordâncias sobre a condução da teoria, das lutas e pautas.

A despeito dessas opiniões serem individuais e não da editoria, gostaria de ressaltar que, não interferimos nem selecionamos os artigos com base no viés político ou ideológico, mas na qualidade editorial e na originalidade. A ideia é garantir espaço para a diversidade e multiplicidade das ideias.

Pessoalmente, sigo pensando que não existe feminismo sem a centralidade da mulher na sua especificidade, ou seja, uma história e experiência biológica, psicológica, cultural e social. Não há contorcionismo *woke* capaz de apagar tais diferenças. Minha posição não representa o conselho editorial, mas não existe feminismo sem a mulher.

Vivemos tempos de ajustamento e invenções, nem sempre lúcidas, vemos situações como o cancelamento da escritora Chimamanda Ngozi Adichie¹ por expressar uma opinião: “Eu disse, numa entrevista, que mulheres trans são mulheres trans, são pessoas que, tendo nascido homens, beneficiaram-se dos privilégios que o mundo dá ao universo masculino, e que não deveríamos dizer que a experiência de mulheres é a mesma das trans”.

A inclusão e reconhecimento de outros sexos, que múltiplos são (Fausto Sterling, 1992), ou mesmo gêneros, não retira a centralidade da mulher e suas pautas específicas do discurso feminista. A mulher traz inscrito no corpo as funções biológicas que influenciam o psiquismo, sua história de vida, por causa do sexo, a todas afeta: brancas e pretas, ricas e pobres, hetero ou homossexual, a despeito das imensas diferenças, mas é a experiência que partilhamos em comum, marcas que carregamos ao longo da vida, os processos biológicos da menstruação, gravidez, abortos, partos e menopausa. A cada um desses ciclos somos socialmente redefinidas, para cada fase há uma expectativa

¹ <https://time.com/6076606/chimamanda-adichie-akwaeke-emezi-trans-rights-essay/>

social, uma barreira a ser transposta e obstáculos para superar. Assim, resistimos há milênios, desde os tempos da domesticação e a sedentarização da espécie.

Ressalto o respeito aos múltiplos direitos e reconhecimento da diversidade de todas as pessoas. A minha opinião não me torna uma *Terf*², mas uma pesquisadora no campo dos estudos de mulheres que crê que o Feminismo diz respeito às mulheres e meninas e que os campos de luta são múltiplos, podem se aliar sem confundir-se ou obscurecer a razão de ser um do outro.

Minha posição é que na revista não existe espaço para divulgar ideias antifeministas ou que comprometam a pauta feminista, cuja luta é clara e não mudou: a criação de novos direitos, garantir a plena emancipação das mulheres, lutar contra todo tipo de discriminação contra mulheres, respeitar e apoiar as mulheres durante todos os ciclos biológicos, garantir a saúde reprodutiva e o direito sobre o próprio corpo. Isso é fundamental, sem isso não se alcança a equidade de gênero.

Por que Ártemis?

Após 20 anos, gostaria de retomar a “Apresentação” da revista porque o que está escrito permanece atual. Reconhecemos tudo que herdamos de décadas da teoria feminista e dos estudos de gênero. Reconhecemos o pioneirismo dos feminismos do Norte, acrescentamos a diversidade e as perspectivas forjadas pelos feminismos do Sul.

A deusa grega Ártemis é um símbolo do poder feminino e da autoconfiança, sua história é uma inspiração para o feminismo com características que lhe fazem única: independência e autonomia, coragem para enfrentar desafios e resiliência; o empoderamento dela mesma e daquelas que a acompanham, o poder inexplorado das mulheres e a capacidade abrir os próprios caminhos, desafiar aos papéis de gênero com os quais rompemos.

Não é por acaso que com a ascensão do feminismo, Ártemis tenha se tornado um ícone do poder feminino e da autossuficiência. Ela é uma das poucas representações positivas das mulheres na Grécia Antiga, inspirando e empoderando hoje quanto há 3000 anos atrás.

Ao conectar Ártemis à Lua, o mito simboliza os ciclos e ritmos femininos da vida. Sabiamente, nos mostra que a mudança entre as fases é algo natural e parte da vida. Aceitar esse fato e aceitar-se, empodera e torna as mulheres mais fortes.

Ártemis é a deusa da Natureza, montanhas e florestas, dos seres da natureza como as ninfas que a seguem pelos bosques, seu templo sagrado. É a protetora dos animais com quem partilha a existência na vida selvagem, a quem protege com ferocidade, assim como protege suas filhas. “Virgem e caçadora, é a deusa dos espaços abertos, da vida selvagem e livre da jovem até a puberdade – o ciclo da vida e a sua regulamentação dentro do grupo social.” (Marquetti, 2006). Deusa dos animais e da

² Terf é uma abreviação para feminista radical trans-excludente.

natureza selvagem, Ártemis é chamada a defender a natureza e suas crias, por isso associa-se à imagem da mulher ativista cuidando do planeta.

Ártemis expressa a ideia de um feminismo que não admite a vitimização como forma de superação das inequidades. Hoje, passados 20 anos, poderíamos dizer que ela simboliza um feminismo ecológico, associado à luta não só da preservação da natureza, como da própria vida da espécie no planeta.

O alvo da flecha de Ártemis é dismantelar as formas de civilização que destroem a vida na Terra e mudar radicalmente as formas de entender e manejar a natureza, inclusiva a nossa, porque: “quanto mais o homem conseguiu dominar a natureza, mais lhe subiu à cabeça o orgulho de seu saber e poder, e mais profundo tornou o seu desprezo por tudo que é apenas natural e casual” (Jung, 1988: 39, apud Duarte, 2018).

O legado de Ártemis inspira ideias e ações para o empoderamento de mulheres e forja meninas destemidas, fortes, unidas e com coragem para perseguir seus sonhos possíveis. Protetora, instiga a se manterem firmes, se libertando das restrições sociais, assumindo a direção de seus destinos.

O mito da deusa é uma história impressionante de empoderamento da própria Ártemis e dos outros personagens que protegeu e defendeu, a capacidade de Ártemis se ater aos seus princípios e fazer as escolhas com base na verdade, retidão e integridade é inspiradora.

Ártemis aparece como sendo a melhor amiga de cada mulher que busca independência, autonomia e, para isso, precisa do apoio das irmãs. O arquétipo Ártemis apela à comunidade das mulheres, a *Sisterhood* que se baseia na cooperação, cria laços fortes de amizade, abominando a competição que o mundo masculino a elas imputa.

Outro aspecto dessa deusa é a castidade, mas o lado virgem dessa deusa não significa que ela seja reguladora da castidade – como a palavra nas nossas sociedades implica. Ártemis era uma deusa que não tinha dono. (Brandão, in Funck, 1999, p.107). Dotada de liberdade de escolha, é ela que escolhe manter-se virgem.

“Diáfano e permeável, como o hímen ou o véu que cobre a jovem ninfa’ ... a Deusa casta, repetimos que é necessário “entender esse conceito, a castidade (do verbo latino *carere*, do qual se origina a palavra *castus*), implica nos conceitos de corte e separação”. (Marquetti, 2006).

Embora seja casta, mas sendo Natureza, é extremamente fértil, é ela a protetora dos partos. “A face de Ártemis, protetora dos partos, guarda ainda outro limite, não só o da passagem da jovem ninfa a mulher/mãe, mas também, e principalmente, o que permite a entrada da criança no mundo. O útero, como as conchas e o sexo, se inscreve no universo alagadiço, marinho e lunar guardado por ela...” (idem, 2006)

Ártemis tem uma dualidade e uma estrutura complexa para desvelar, expressa nos seus papéis e atributos, seja no contexto antigo ou na atualidade: se é a deusa da caça, é protetora dos animais selvagens; sendo casta, protege os partos; simboliza a independência e força femininas num tempo em que autonomia das mulheres era impensável.

Reinterpretar figuras históricas ou mitológicas como Ártemis serve de inspiração para as gerações futuras desafiarem as normas sociais desiguais, defenderem e inventarem novos direitos

Como afirma Bolen (2014), a marca de Ártemis é o empreendimento e competência, independência dos homens e das opiniões masculinas, e preocupações pelos atormentados, pelas mulheres fracas e pelas jovens.

O mito de Ártemis mostra a deusa que faz as próprias escolhas, decide seu destino com o foco voltado para suas metas em direção às quais lança flechas certeiras. Alguns episódios mostram excessos de ferocidade, ou o sacrifício do amor. Mesmo quando há uso de violência desmedida isso se dá na defesa das mulheres e meninas hostilizadas, agredidas, maltratadas, abusadas. É uma deusa implacável no combate ao incesto e pedofilia (embora há os que tentam relativizar esse crime hediondo), e certa na perseguição e punição aos agressores.

A natureza indomável de Ártemis, em cada mulher, não recusa relacionamentos, mas não aceita submeter-se a relações abusivas, limitantes ou manipuladoras, mas só se realiza nas relações de igualdade e partilha, seja hetero ou homossexual, pois nunca se deixa dominar.

Artemis combina o instinto e a razão, ela e suas seguidoras, como as guerreiras Amazonas, são a expressão máxima da recusa à domesticação e, poderíamos dizer que é uma recusa à civilização, ao menos nesse modelo limitador que o mundo masculino produziu, em qualquer dos sistemas ou modo de produção que conhecemos.

A cisão do homem com a natureza representa essencialmente uma cisão consigo mesmo. “Assim como identificamos processos ecológicos externos, podemos falar de uma ecologia da interioridade humana. A crise ambiental reflete o estado da psique do homem” (Duarte, 2017: 17).

A superação do modo de vida destrutivo e antinatural que escraviza a mente e domina os corpos, seja capitalista ou socialista, estaria no novo modelo de vida como, por exemplo, aqueles propostos pelo filósofo e ecologista norueguês Arne Naess (1912-2009), precursor do movimento de Ecologia Profunda, implicando em alterações culturais, políticas, sociais e econômicas que promovam uma convivência harmoniosa entre os seres humanos e a natureza (Naess, 2001).

E mais: chega-se à natureza não mediante a razão, “mas por sua experiência”. (Jung, 2002: 117, apud Duarte, 2018). “Promovendo a conscientização sobre si mesmo enquanto seu reinado por processos similares aos sistemas ecológicos: criação/criatividade, regeneração, renascimento, padrões/coletividade, singularidade, instintos, ciclos, diversidade, reciclagem, homeostase e transformação que não pertencem somente aos fenômenos externos, mas também à interioridade humana”. (idem, 2018)

A fixação na ideia de progresso, o chamado avanço tecnológico e tudo que vem na sua esteira têm levado à falência a raça humana e todos os seres que lutam pela sobrevivência. Progredir compromete o planeta, é suicídio da humanidade e um atentado contra a vida da Terra. A única possibilidade de progredir envolve, não desenvolve, a vida mantendo a conexão com o fluxo ecológico e assumindo o fato de que estamos num estágio no qual que a depopulação humana deve ser considerada. Como

coloca Lovelock (2020), até 10 bilhões estamos e Gaia, além disso o planeta perde sua capacidade de resiliência e, com isso, pereceremos todos. Não somos donos do planeta, a despeito do que pregam religiões, partilhamos o espaço e os recursos naturais com outras espécies, eles são limitados. Não podemos advogar um crescimento populacional indiscriminado e irresponsável com base em teorias decrépitas que sugerem que isso seria um controle, mas que nada tem a acrescentar ao mundo do século XXI.

Ao invés de controle, trata-se da evolução para uma consciência ambiental, ancorada numa nova e profunda ética para todos os seres, independentemente da espécie. Para que isso aconteça, há que se promover o resgate da natureza, interna e externa, desejar viver conscientemente dentro dos limites planetários. Esse é um controle volitivo realizado pelo próprio ser.

Para chegar a esse estágio, ressalto a extrema importância das mulheres no processo transformador, ou “a voz feminina passou da ambição modesta de ser ouvida no espaço público a uma outra, bem mais subversiva, a de formular um outro projeto civilizatório” (Oliveira, 1993:08).

O pensamento formatado na dualidade disso ou daquilo, preto/branco, pode ficar impressionado com as propostas que contrariam a visão monolítica daqueles que creem na teoria que tudo explica, naqueles que tudo sabem, amparados em cartilhas autoritárias sobre como viver a vida, arvoram o direito de falar em nome da humanidade, da classe, da raça... os donos de toda verdade.

Recuperar a deusa no imaginário, materializá-la na Revista *Ártemis* significa o resgate da dimensão realista-mágica e artística de um feminismo de olhares plurais e, se possível, com uma pitada de sabor anárquico.

Referências

BOLEN, Jean, S. (2014) *Artemis: The Indomitable Spirit in Everywoman*. Berkeley: Conari Press.

BRANDÃO, Isabel (1994) Arquétipos femininos em *Rainbow* e *Women in love*, de D.H. Lawrence, in: FUNCK, Suzana B. (org). *Trocando ideias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês, Universidade Federal de Santa Catarina.

DUARTE, Alisson J. O. (2017). “Ecologia da alma: a natureza na obra científica de Carl Gustav Jung”. *Junguiana*, São Paulo, v. 35, n. 1: p. 05-19, jun/jul.

_____ (2018) *Ecologia humana: a natureza enquanto divindade arquetípica*. *Revista Ártemis*, vol.25.

FAUSTO-STERLING, Anne (1992) *Myths of Gender: Biological Theories About Women and Men* (2nd ed.). New York: Basic Books. 1992. ISBN 0-465-04792-0.

HIGWATER, Jamake (1992) Mito e Sexualidade, São Paulo: Saraiva.

LOVELOCK, James. 2020. Gaia: Um Novo Olhar sobre a Vida na Terra (Gaia: A New Look at Life on Earth, 1979). Coimbra: Edições 70.

MARQUETTI, Flávia R. (2006) Limite e transgressão: os caminhos que levam de Ártemis a Afrodite. Revista Ártemis, vol.5.

NAESS, Arne (2001). Ecology, Community and Lifestyle: Outline of an ecosophy. London-UK: Cambridge.

JUNG, Carl G. (2002) Estudos Alquímicos. Petrópolis: Vozes

_____ (1988). Presente e Futuro. Petrópolis: Vozes.

OLIVEIRA, R. (2005) Em nome da mãe: o arquétipo da deusa e sua manifestação nos dias atuais. Revista Ártemis, vol.3.

OLIVEIRA, Rosiska (1993) Memórias do Planeta Fêmea. In: OLIVEIRA, Rosiska & CORRAL, Taís (org.). Planeta Fêmea – uma publicação da Coalizão de Mulheres Brasileiras.